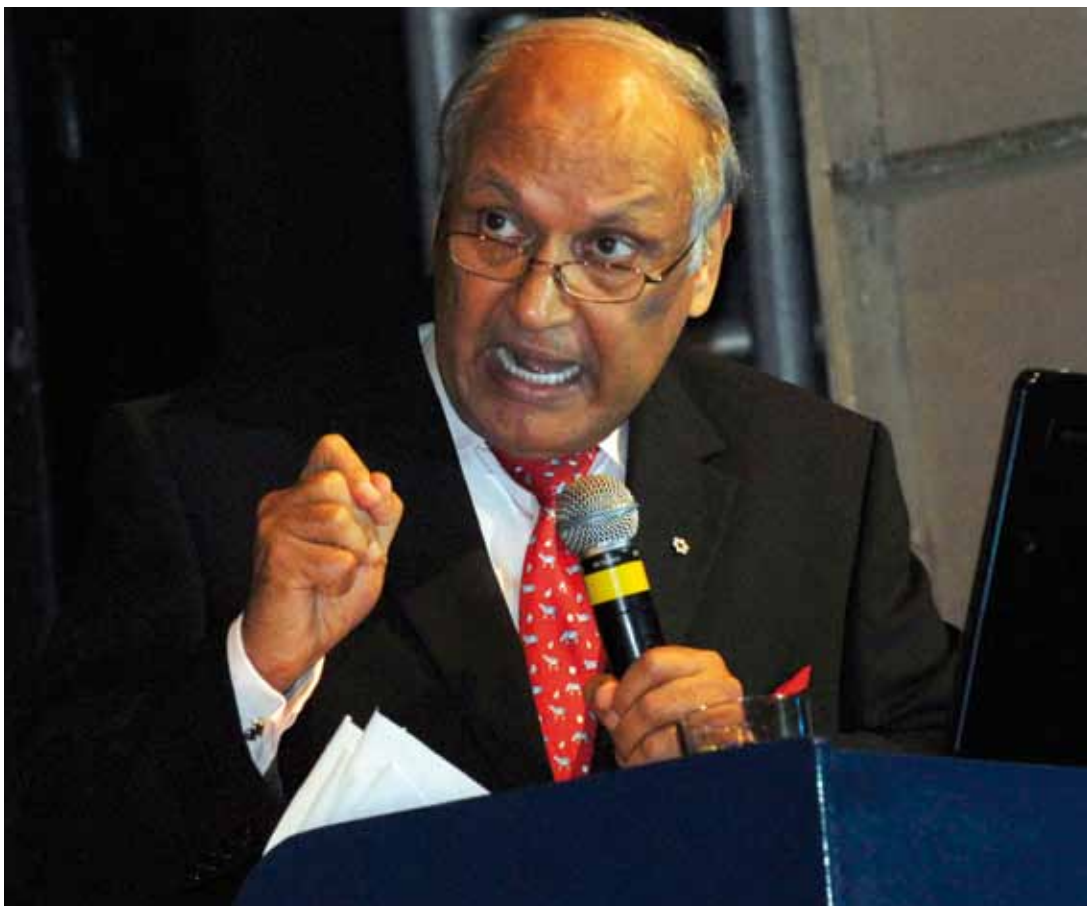


ENTREVISTA COM
KAMAL MIDHA, PRESIDENTE DA FIP

Por um mundo com serviços farmacêuticos

- EM ENTREVISTA À PHARMACIA BRASILEIRA, O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FARMACÊUTICOS, KAMAL MIDHA, DEFENDE A PRESCRIÇÃO FARMACÊUTICA. “ESTA É A DIREÇÃO QUE OS FARMACÊUTICOS DEVEM SEGUIR”, PEDE ELE.

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.



Dr. Kamal Midha, Presidente da FIP

O Presidente da FIP (Federação Internacional de Farmacêuticos), Kamal kishore Midha, é um cidadão de um mundo que ele gostaria fosse sem fronteiras farmacêuticas, tanto em produtos quanto em serviços, para que todos os cidadãos pudessem ter acesso irrestrito à assistência farmacêutica total e de qualidade. Isso pressupõe saúde e melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Autoridade farmacêutica mundialmente reconhecida, o Dr. Midha cursou Farmácia, na Índia; doutorou-se pelas Universidades de Alberta e de Saskatchewan, no Canadá, onde é professor adjunto. Tem escritórios, no Canadá, em Londres e nas Bermudas, e viaja, realizando pesquisas. Já conquistou importantes prêmios internacionais, escreveu livros científicos e suas palestras sobre biodisponibilidade e bioequivalência, farmacocinética e farmacodinâmica são obrigatórias, Continentes afora.

Mas ele é principalmente o lutador incansável em defesa do fortalecimento da profissão e da difusão dos serviços profissionais farmacêuticos como base para o sucesso terapêutico dos pacientes. Entende que cidadão nenhum pode ser privado dos cuidados profissionais.

No fim de maio de 2010, Kamal Midha esteve, em Porto Alegre (RS), para participar dos Congressos da Fefas (Federação Farmacêutica Sul-americana) e Fepafar (Federação Pan-americana de Farmácia). Ali, ele recebeu a revista PHARMACIA BRASILEIRA, a quem concedeu esta entrevista. Falou de prescrição farmacêutica, da necessidade de os governos investirem em pesquisa em novos medicamentos que atendam à demanda das populações às quais devem ser livremente acessíveis, do quanto se deve buscar o equilíbrio entre os interesses de saúde e econômicos que coabitam as farmácias. Falou, ainda, que os serviços farmacêuticos, sejam prestados em estabelecimentos públicos ou privado, devem ser remunerados pelos governos, como já ocorre, em alguns países. **VEJA A ENTREVISTA.**

PHARMACIA BRASILEIRA - Vários eventos, a exemplo dos Congressos da Fepafar e da Fefas, vem diminuindo as fronteiras farmacêuticas, nas Américas. Como o senhor, que tanto defende a união entre os profissionais, acompanha a aproximação entre os farmacêuticos latino-americanos?

Kamal Midha, Presidente da FIP - A aproximação, acima de tudo, está patente nestes Congressos da Fefas e Fepafar, realizados, juntos, pela primeira vez, o que cria uma sinergia e traz resultados positivos. A sinergia não tem efeito só de soma,

mas de multiplicação de resultados. É uma grande oportunidade para se criar redes de conhecimentos, de intercâmbio.

O que gostaria é que essa sinergia pudesse se converter em medidas reais e práticas para a melhoria da profissão e fortalecimento da assistência farmacêutica. Quando traduzimos a teoria na prática, contribuimos para a melhoria da saúde a nível global.

PHARMACIA BRASILEIRA - Fale sobre o avanço dos cuidados farmacêuticos, na América do Sul, especialmente, no Brasil.

Kamal Midha, Presidente da FIP - Aplaudo essa mudança de abordagem e considero que esse é um papel em que o farmacêutico pode se destacar. É, desta forma, que se poderá conseguir melhores resultados terapêuticos. As drogas só se convertem em medicamentos, quando passam pelas mãos dos farmacêuticos, e quando estes lhes acrescentam um valor cognitivo, profissional. Até então, é uma droga.

PHARMACIA BRASILEIRA - Os profissionais brasileiros estão discutindo - e reivindicando - o direito de



realizar a prescrição farmacêutica em casos de medicamentos isentos de prescrição (MIP). O senhor é favorável a esses serviços profissionais?

Kamal Midha, Presidente da FIP - Considero que essa é a direção que os farmacêuticos devem seguir. A prescrição praticada pelo farmacêutico é certa, porque ele é o profissional que tem conhecimento sobre a área. Os medicamentos de prescrições médica e farmacêutica não devem estar ao alcance das mãos dos pacientes, nas farmácias. Os de venda livre, em alguns países, são restritos àqueles que possuem doses baixas, como Reino Unido, Canadá, Austrália e outros da Europa.

Nestes países, os farmacêuticos já tem autoridade para prescrever esses medicamentos. É um ato de colaboração profissional e não de confrontação com os prescritores. E a FIP defende isso. Neste contexto de colaboração, há situações envolvendo doentes crônicos em que há necessidade de se fazer ajustes de doses. Aí, o farmacêutico é autorizado pelo médico a alterar a prescrição.

Nos cuidados primários, é possível que o farmacêutico venha assumir um protagonismo que ainda não existe. Um papel mais destacado. Aí, ele poderá até exercer a função de prescritor, referendado pelo Estado. Esse papel gerará economia para o sistema público de saúde. Prescrição em colaboração com o médico.

PHARMACIA BRASILEIRA - Pesa nos ombros dos farmacêuticos o desafio de assumir responsabilidades sociais como profissional da saúde. Como ele deve enfrentar esse desafio?

Kamal Midha, Presidente da FIP - O conhecimento farmacêutico deve ser posto em benefício da comunidade, porque os seus serviços não se limitam ao medicamento, mas à prevenção, às mudanças de hábito. A prevenção é parte de sua atividade, e isso é social. A FIP aplaude iniciativas dessa natureza, porque os farmacêuticos tem a cumprir um papel ambiental, social e sanitário e outros papéis que podem conduzir à cura da doença. São modelos de prevenção e de bem-estar.

Gostaria de reforçar que a atenção farmacêutica é necessária em várias áreas das farmácias comunitária e hospitalar. O farmacêutico pode e deve atuar para melhorar resultados terapêuticos em diversas doenças. Acho que o farmacêutico deve atuar, também, nas residências, para evitar problemas com as farmácias caseiras.

PHARMACIA BRASILEIRA - O farmacêutico vive o drama de estar na fronteira que põe, de um lado, as questões de saúde e, do outro, o interesse econômico. Ambos coabitam nas farmácias. Pensando no farmacêutico, como é possível conciliar esses interesses?

Kamal Midha, Presidente da

FIP - É um equilíbrio delicado. Mas deve haver esse equilíbrio, porque se um lado é maior que o outro, chega-se ao desequilíbrio. A mais-valia dos farmacêuticos precisa ser compensada. Falo a ministros da saúde que os serviços farmacêuticos sejam remunerados pelos governos, sejam eles (os serviços farmacêuticos) públicos ou privados. E, ao compensar o farmacêutico, o sistema de saúde está, também, garantindo que o profissional preste serviços e reconhecendo que os seus serviços geram benefícios. Isso pode poupar dinheiro e melhorar a saúde. Nenhum cidadão deve ser privado do acesso aos serviços farmacêuticos.

PHARMACIA BRASILEIRA - A pesquisa com moléculas para a produção de novos medicamentos é tímida, ainda, no Brasil, embora o Governo já manifestasse interesse em agir para preencher essa lacuna, principalmente, para atender à demanda dos portadores de doenças excepcionais. O Brasil é o quinto maior mercado consumidor de medicamentos, mas importa a grande maioria. O Governo quer reduzir a dependência farmacêutica internacional e fortalecer a participação nacional no complexo industrial da saúde. Acontece que as pesquisas estão principalmente na universidade pública e os recursos, no setor privado. E ambos não dialogam tanto. Qual a saída?

Kamal Midha, Presidente da FIP - Sugiro que o Governo deve indicar as doenças mais prevalentes e investir dinheiro público, em parceria com o setor privado, para pesquisar e desenvolver medicamentos para o combate dessas doenças. E esses medicamentos devem ser acessíveis.